

Erundina ouve crítica em reuniões do partido

TEREZINHA LOPES

As críticas à prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, ocuparam a maior parte do tempo das discussões ocorridas nas reuniões que a coordenação da campanha do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, promoveu na semana passada na cidade. Entre os representantes dos partidos que integram a Frente Brasil Popular (PT, PC do B e PSB), o desempenho da administração de Erundina foi considerado fraco. Da boca do próprio candidato, a prefeita ouviu queixas por sua decisão de aumentar o IPTU na véspera do segundo turno. A medida atinge em cheio a classe média — a fatia do eleitorado mais cobiçada hoje pelo PT.

"Você imaginou o efeito que esse projeto pode provocar numa faixa do eleitorado?", cobrou Lula na reunião da Executiva do PT, no Hotel Danúbio, pensando em conseguir os votos paulistanos depositados em nome de Mário Covas, o candidato derrotado do PSDB. A prefeita estava presente. Em outra ocasião, em plena campanha eleitoral, o candidato petista passou um sermão semelhante na prefeita, quando pediu que ela anunciasse projetos de grandes obras na cidade. A derrota do PT em São Paulo mostrou que as críticas de Lula têm algum fundamento.

Há exatamente uma semana, ao redor da mesa de reuniões de um casarão recentemente

alugado pelo PT, na Rua 1ª de Janeiro, no Bairro de Vila Mariana, para abrigar a sede do partido, quatro fatores foram levantados como os responsáveis pela derrota do candidato do PT no maior colégio eleitoral do País, administrado por Luíza Erundina. Um deles: politicamente, "o governo municipal quebrou a expectativa da população e administrativamente foi fraco".

Os outros três argumentos que justificaram os 15,21% dos votos obtidos nas urnas por Lula na capital paulista foram atribuídos ao caso Lubeca, ao desabamento na Favela Nova República, à circunstância de outros candidatos — Mário Covas, Afif Domingos e Paulo Maluf — terem também base eleitoral na cidade e, principalmente, ao fato de o discurso da frente não ter seduzido a classe média. Ou seja, com exceção de um ponto, os argumentos se voltavam contra Erundina. "Quem não era milionário nem favelado, não teve outra opção senão votar em Covas", argumentou na reunião um representante do PC do B. Erundina, porém, não participou desse encontro.

Apesar de a preferência do eleitorado das classes D e E recair sobre o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, a preocupação da campanha petista, nas primeiras semanas após o resultado da votação do primeiro turno, é atrair a classe média. Essa intenção ficará patente no programa de TV e nos discursos de Lula.



Paulo Vitale/AE — 27/1/89

Erundina: críticas pelas frente e pela costas